

Dra. Luciana Rodrigues

Mulheres na Medicina

Presença que precisa se transformar em liderança

O Brasil conta atualmente com mais de 635 mil médicos em atividade. As mulheres já representam a maioria entre estudantes, residentes e médicos mais jovens. Entretanto, quando observamos os espaços de liderança institucional, o cenário é diferente.



A Medicina brasileira está mudando. É uma das transformações mais importantes das últimas décadas é a crescente presença das mulheres na profissão. Hoje, elas já são maioria entre estudantes de Medicina, residentes e profissionais mais jovens.

Esse movimento é irreversível e representa uma conquista importante para a sociedade e para a própria Medicina.

Mas há uma questão que precisamos enfrentar com honestidade: se as mulheres já são maioria na formação e entre as novas gerações de médicos, por que ainda são minoria nos principais espaços de decisão e liderança?

Essa pergunta está no centro de uma pesquisa que venho desenvolvendo e que tive a oportunidade de apresentar durante o 4º Congresso Brasileiro de Medicina Geral da Associação Médica Brasileira (AMB), realizado em junho, em São Paulo, e em outros congressos também, no de Hematologia, no de Medicina Nuclear e agora no de Cardiologia.

O estudo reúne diferentes perspectivas para compreender esta situação tais como diferenças de gênero, carreira, salários, preconceitos, vários tipos de assédio, maternidade, formação e condições de trabalho que influenciam diretamente as trajetórias profissionais das médicas brasileiras.

Mais do que produzir números, nosso objetivo é dar visibilidade a uma realidade de que muitas mulheres conhecem pela própria experiência: a presença feminina na Medicina avançou de maneira expressiva, mas as estruturas de poder e decisão ainda não acompanharam essa transformação na mesma velocidade. Além disso, outras reflexões ocorrem para propostas que faremos em breve.

Os números mostram uma desigualdade que precisa ser enfrentada

O Brasil conta atualmente com mais de 635 mil médicos em atividade. As mulheres já representam a maioria entre estudantes, residentes e médicos mais jovens. Entretanto, quando observamos os espaços de liderança institucional, o cenário é diferente.

Na primeira frente da pesquisa, analisamos a composição das diretorias de 468 instituições, entre entidades médicas, conselhos profissionais, sindicatos e escolas de Medicina. Foram avaliados 2.187 médicos e médicas de todas as unidades da Federação.

Os resultados mostram que os homens continuam ocupando com frequência muito maior os cargos de liderança, entre eles os cargos de presidência e vice-presidência.

E esse dado merece reflexão. Não estamos falando de competência, dedicação ou capacidade. Estamos falando de oportunidades, estruturas culturais e preconceitos que atravessam os caminhos percorridos por homens e mulheres na profissão.

A trajetória de uma médica é construída em um ambiente no qual aspectos culturais do patriarcado, redes institucionais, disponibilidade para atividades extraconsultório e determinadas características das especialidades podem ter peso importante.

Quando esses espaços foram historicamente ocupados majoritariamente por homens, é natural que as redes de relacionamento e os modelos de liderança também tenham sido construídos sob essa perspectiva.

Reconhecer essa realidade não significa negar as conquistas já alcançadas. Ao contrário: significa compreender o que ainda precisa mudar.

As barreiras nem sempre são visíveis

Os números, entretanto, contam apenas parte dessa história. Por isso, ouvimos 24 médicas que ocupam posições de liderança em universidades, sociedades médicas, conselhos profissionais, hospitais e outras instituições de saúde. Se por um lado, os dados quantitativos ajudam a dimensionar a desigualdade, os relatos ajudam a compreender como ela se manifesta no cotidiano.

As entrevistas revelaram experiências relacionadas a estereótipos de gênero, preconceitos velados, necessidade constante de comprovação da competência



Dra. Luciana Rodrigues,
pediatra, gastroenterologista
pediátrica e Presidente
em exercício da Associação
Médica Brasileira (AMB).

Não basta que as mulheres estejam presentes. É preciso que tenham voz, espaço e oportunidades para participar das decisões e ocupar os lugares de liderança para os quais estão qualificadas.



profissional, dificuldades de conciliar maternidade e carreira e menor estímulo para disputar posições de liderança.

Há uma situação particularmente emblemática: mulheres são frequentemente cobradas para demonstrar firmeza e autoridade, mas podem ser julgadas negativamente quando adotam comportamentos associados tradicionalmente à liderança. São expectativas contraditórias que produzem uma espécie de dupla cobrança.

Também apareceu de maneira recorrente a falta de referências femininas nos espaços de poder. Quando uma jovem médica olha para a estrutura de uma instituição e encontra poucas mulheres em posições de liderança, pode ter mais dificuldade de imaginar aquela trajetória como uma possibilidade para si.

Por isso, representatividade não é apenas uma questão simbólica. Ela também influencia expectativas, escolhas profissionais e a construção de novas lideranças.

Maternidade não pode significar interrupção da carreira

Outro ponto fundamental que merece atenção especial é a maternidade. A Medicina exige formação longa, atualização permanente e grande dedicação profissional.

Quando esse período coincide com os anos em que muitas mulheres também desejam constituir suas famílias, surge

um desafio que não pode ser tratado como uma questão exclusivamente individual e que merece um melhor suporte para as mulheres de todas as profissões.

Ainda encontramos estruturas que enxergam a maternidade como um problema para a carreira da mulher, quando ela deveria ser reconhecida como uma dimensão legítima da vida.

Precisamos criar ambientes profissionais que permitam às mulheres exercer plenamente sua profissão sem que tenham de escolher entre a realização profissional e a vida familiar.

Isso passa por mudanças culturais, mas também por políticas institucionais concretas: maior flexibilidade, ambientes de trabalho mais inclusivos, apoio à maternidade, mecanismos de prevenção e enfrentamento ao assédio e oportunidades mais transparentes de desenvolvimento e ascensão profissional.

Uma pesquisa que amplia o olhar sobre a carreira médica

A terceira etapa do estudo é um levantamento nacional com médicos e médicas de diferentes especialidades e regiões do País. O questionário com 4.000 respostas, superando a meta inicial de 2.200 participantes.

Estamos investigando temas como remuneração, vínculos profissionais, acesso a cargos de chefia, equilíbrio entre trabalho

Quando uma jovem médica olha para a estrutura de uma instituição e encontra poucas mulheres em posições de liderança, pode ter mais dificuldade de imaginar aquela trajetória como uma possibilidade para si.

e vida familiar, discriminação, assédio, sexismo e expectativas em relação às entidades médicas.

É uma etapa especialmente importante porque nos permitirá ampliar o olhar para além dos espaços institucionais e das experiências individuais das líderes entrevistadas.

Queremos compreender como essas questões se manifestam na vida profissional de médicas e médicos em diferentes regiões, especialidades e momentos da carreira.

Estamos, portanto, construindo um diagnóstico que poderá ajudar a transformar percepções em evidências e evidências em ações.

A Medicina que queremos construir 